



É quase uma alameda da prostituição. Entre o Setor de Diversões Sul, o Conic, e o Setor Comercial Sul, os travestis dominam os pontos e fazem uma espécie de reserva da área. Uma boa noite pode render R\$ 200

NA CALÇADA, PARECE MAS NÃO É!

Parece mas não é. O slogan comercial do xampu anticaspas Denorex aplica-se bem a alguns dos frequentadores das calçadas do Setor Comercial Sul e do reduto gay do Conic. O mais desavisado pode até confundir-se inicialmente, ao ver aquela morena escultural de 1,90 metro de altura e 80 quilos parada na esquina ou apresentando-se na boate New Aquarius do Conic. Muita maquiagem, e poucas peças de roupa, sobre um corpo moldado com silicone, atacam a curiosidade dos incautos. Ou entendidos.

Emerson dos Santos Almeida, 24 anos, tem um identidade civil que não condiz mais com o seu visual. Algumas lembranças masculinas ainda são bem marcantes, mas Emerson esconde para se passar por mulher. Ele decidiu aos nove anos assumir o lado que considera feminino e virou travesti. Começou a prostituir-se nas ruas de Brasília depois que foi dispensado do serviço obrigatório que prestou, aos dezoito anos, na Aeronáutica.

Assim como outros travestis, Eloá — nome que adotou — faz ponto no Setor Comercial Sul, em frente ao Hospital de Base e ao Setor Hoteleiro Sul. Mais abaixo, próximo ao Conic, é a área das prostitutas. Na Rodoviária, os meninos de programa comandam a noite.

Apesar dos limites bem definidos, ela afirma que “cada um pode andar por onde quiser sem problemas”. Um programa completo pode render até R\$ 40 para os travestis, que em boa noite voltam com R\$ 200 para casa.

CERTIFICADO DE RESERVISTA

Emerson ficou só três meses na Aeronáutica. No dia em que a polícia resolveu fazer uma batida em uma boate do Conic, Eloá foi desmascarada em pleno palco. “Eu era ingênua demais. Disse qual era meu endereço e me levaram direto pra lá”, conta.

“Minha tia ficou espantada ao me ver nos trajes em que me apresentava na boate. Ela tentou argumentar com os policiais que eu servia na Aeronáutica, mas isso só piorou a situação”. Segundo o travesti, apagaram toda a sua ficha na Aeronáutica. “Apagaram tudo, como se eu nunca tivesse estado lá”, afirma mostrando o certificado de reservista.

Amigo de Eloá, Carlos Alberto Noronha Carvalho, 26 anos, pseudônimo Bruna, o acolheu em casa. Moram juntos, na 413 sul, com outros dois travestis. “Só peço para que eles me ajudem a rachar as despesas de casa”, conta Bruna.

Dono de três imóveis, ganhos em anos de prostituição nas ruas de Brasília e da Itália — onde passou três anos e volta regularmente — Carlos Alberto carrega seis litros de silicone no corpo, usados para moldar suas pernas, nádegas e quadril.

Os cuidados estéticos para adquirir contornos femininos custaram — e ainda custam — caro para Bruna. “Paguei R\$ 3 mil para fazer uma operação que aumentasse as próteses dos meus seios. A plástica no rosto custou R\$ 8,5 mil reais e a aplicação de silicone em Brasília pode custar até R\$ 300 cada”, afirma.

O mundo dos travestis que fazem ponto nas ruas do Setor Comercial Sul e do Conic não se limita apenas a

silicone, programas e shows eróticos. Envolve também ameaças, brigas, assaltos e morte.

Bruna e Eloá sustentam que um travesti conhecido por Carla Facção está ameaçando de morte quem quer fazer ponto no lugar e não lhe paga o dinheiro exigido para se prostituírem. “A Carla anda com uma navalha

companheiros. Carla teria dito a senha para o início das agressões: “Você está falando mal de mim”. Entre as pancadas com barras de ferro e chutes nas costas, Paulo teria reconhecido Antônio Waldemiro de Moraes, a Carla Facção.

A segunda ocorrência contra Carla foi registrada por Eloá, no dia 14 de abril. Ela teria conhecido Carla há três anos, pouco antes de viajar para a Itália. Houve uma discussão entre os dois, mas, com a viagem, acabou por aí.

Há três meses fazendo ponto no Setor Comercial Sul e apresentando-se na boate New Aquarius, no Conic, a antiga rixa entre eles teria recomeçado. “Um dia a Carla me ligou dizendo que se não pagasse o ponto poderia arrumar meu caixão”, conta. Horas antes de Eloá registrar a ocorrência, Carla teria lhe ligado novamente dizendo que recebera uma intimação da Deam. “Ele achou que fui eu e me ameaçou de novo”.

Entre as ocorrências do dia 1º de abril e do dia 14 do mesmo mês, o travesti Cláudia Capeta foi encontrado assassinado perto do córrego Vicente Pires. O córrego fica próximo à Candangolândia.

O FIM DE CAPETA

Capeta morava na casa de Cláudia na Candangolândia e, segundo Bru-

na e Eloá, morreu porque assaltava seus fregueses. “Os travestis da Carla fazem isso. Além de querer comandar as ruas, eles assaltam fregueses que não vão registrar as ocorrências nas delegacias por medo de sujar a imagem”, explica Bruna.

Isadora, que de acordo com o próprio depoimento de Carla na Deam estava brigando no dia 1º de abril encontrou o corpo de Capeta baleado nas costas. Por causa desses problemas, envolvendo Carla e seus amigos, o grupo de travestis que mora em Candangolândia foi proibido de entrar na boate New Aquarius, no Conic. Mas nem por isso os travestis deixaram de frequentar o Setor de Diversões Sul.

“A Capeta ia muito lá”, afirma, por telefone, uma pessoa que mora na casa da Candangolândia. O proprietário da boate Dancing Girl’s, Dênis de Oliveira, diz que os travestis são proibidos de entrar na sua boate. “Antes, eu defendia o setor dizendo que essas coisas não aconteciam por ali, mas agora dá até medo de andar pelos corredores e se deparar com um desses travestis”.

Bruna revela que a denúncia feita contra Carla e suas companheiras deve-se à intenção de “limpar as ruas”. Ela informa que, na Itália, todos os travestis são recolhidos periodicamente para serem fichados, mas que isso não ocorre no Brasil. “Nunca fui fichada. Não haveria nenhum problema se me levassem para a delegacia de vez em quando. É uma atitude inteligente, pois se houver algum crime a polícia já sabe com quem falar”, argumenta.

“MINHA TIA TENTOU ARGUMENTAR COM OS POLICIAIS QUE EU SERVIA NA AERONÁUTICA, MAS ISSO SÓ PIOROU A SITUAÇÃO”

Emerson dos Santos Almeida, a Eloá, ao ser desmascarada dançando em uma boate

entre os seios e ameaça cortar a cara de quem não paga o que ela exige”, denunciam.

BARRAS DE FERRO

Essas acusações resultaram em duas ocorrências registradas na Delegacia Especial de Atendimento às Mulheres (Deam) contra Carla. Ela já depôs na delegacia e negou que tivesse agredido outro travesti, Paulo André Ferreira, 20 anos, no dia 1º de abril. Disse que estava passando de carro, viu uma briga e percebeu que uma das pessoas envolvidas era a amiga Isadora. Segundo sua versão, Carla parou o carro, colocou a amiga dentro e foi embora.

Paulo André, por sua vez, afirmou em seu depoimento que em frente ao Hotel Nacional um carro parou e Carla Facção teria descido com vários



Carlos Alberto, a Bruna, tem seis litros de silicone no corpo e três apartamentos

Bate-papo Denorex revela chantagens

O Correio teve acesso a uma fita com um diálogo gravado entre dois travestis no Setor Comercial Sul. Eles conversam sobre os métodos utilizados para roubar fregueses e o motivo de as ocorrências não chegarem até a polícia: o medo das pessoas de se envolverem em ocorrências prejudiciais à imagem.

M: “Pra roubar na chantagem (durante um programa dentro do carro) só procurava um pretexto, sabe. Já tirava a bota, molhava a meia, só aquele chulezão”

P: “Aí arrancava a chave (do carro), né?”

M: “Não, não era assim. Ela (o freguês) dizia: ai não, você está fedendo. Que chulé é esse? Meu amor, você dizendo e eu estou fedendo, olha você é muito abusado.”

P: “Aí você usa um pretexto para ter motivo para roubar ela, né?”

M: “Lógico, né!”

P: “Cê é doida, eu não tenho coragem Mona. A Isadora também diz que é boa nisso, né? Mas e aquela fa-

ca que ela carrega? Às vezes ela mostra pras mariconas (os fregueses)?”

M: “Mostra!”

P: “As mariconas ficam apavoradas, né? E qual foi o roubo maior que você já fez? Roubo, assim, que você achou que valeu a pena?”

M: “Se eu roubasse o que, mil e pouco, mil e duzentos eu passava uns 15 dias, 20 dias sem vir aqui. Mas às vezes é 150, cem, e às vezes não é nem na tora (a força). É na chantagem. Eu não estou mais roubando na tora.”

P: “Você não está mais roubando assim, é um assalto mesmo?”

M: “Depois do negócio da Capeta, cê fica com medo né?”

P: “A Capeta era muito sua amiga, não era não?”

M: “Era.”

P: “Mas ela também roubava muito, né?”

M: “Pencas. Roubava todas que entravam, todas, todas, todas. Eu não, eu só procuro um pretexto. Se disser que estou fedendo, digo: olha desculpa, mas disse que estou

fedendo, você é muito legal, mas você é muito abusado.”

P: “Aí você já grita e fala que quer tanto.”

M: “Eu já falo: você é muito abusado, quero cem reais para descer do seu carro.”

P: “Aí você pede cem reais para descer do carro dele e quando você abre a carteira e vê que tem mais...”

M: “Não, não é assim também não né, vup toma na...”

P: “Eu sei, você vai fazendo sua chantagem, né?”

M: “Eu vou fazendo minha chantagem. Meu amor você tá falando que eu fedo, que baixaria é essa? Aí já faço a chantagem, tá? Olha, agora eu não quero só isso. Quero tudo o que tem na sua carteira. E tem muita mariconas que dá tudo com quem chame a polícia.”

LEIA AMANHÃ
O espaço que cabe a igrejas, boates e faculdade